

# **A pesquisa em História da Educação em Ciências: um convite ao diálogo com a História das Mulheres**

## **The research in History of Scientific Education: an invitation to dialogue with the Women's History**

**Rodrigo Cerqueira do Nascimento Borba**

Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal Fluminense  
rodrigocnb@gmail.com

**Sandra Lucia Escovedo Selles**

Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal Fluminense  
escovedoselles@gmail.com

### **Resumo**

As pesquisas em História da Educação em Ciências têm apresentado e discutido insuficientemente a participação das mulheres na construção social dos currículos. O presente trabalho, de natureza teórica, objetiva suscitar um debate sobre tal insuficiência, que certamente invisibiliza a participação feminina na História do Currículo. Partindo do diálogo com referenciais da História das Mulheres, questionamos os silêncios e os esquecimentos operados no campo e propomos que sejam exercitadas outras formas de historicizar e narrar as políticas e práticas da Educação em Ciências.

**Palavras chave:** História do Currículo, História das Mulheres, Disciplina Escolar

### **Abstract**

The research in History of Scientific Education has presented a lack of discussion about the participation of women in the social construction of curricula. This work of theoretical nature aims to foster a discussion on such problem, which ends up in making invisible the female participation in the History of the Curriculum. Based on a dialogue with History of Women references, we questioned the silences and forgetfulness in the field and propose other forms to historicize and to narrate the policies and practices of Science Education.

**Key words:** History of Curriculum, History of Women, School Subject

### **Introdução**

O XII ENPEC nos suscita um desafio: refletir sobre diferença, justiça social e democracia nas relações e conhecimentos que são produzidos dentro do campo da Pesquisa em Educação em Ciências. Consideramos que, para compreendermos a atualidade dessas questões e analisá-las de forma realista, é preciso mirar os processos educativos do passado, buscando pluralidades e particularidades nas realidades sociais, nos sujeitos e nas instituições de ontem. Assim, ao nos depararmos com o “diferente” no tempo e no espaço, para estudá-lo e entendê-lo, talvez consigamos obter indícios ou pistas para indagar o que o presente nos propõe como problemas (LOPES E GALVÃO, 2001).

Contudo, se trabalhar com a História significa ir ao encontro do “outro”, também somos instados a não nutrir um olhar “domesticado” para o passado. Tal qual argumentam Silva e Lemos (2013), é preciso construir os conhecimentos históricos de forma articulada às diferentes dimensões da vida social, considerando a complexa tessitura de narrativas sobre sujeitos, ações e processos educacionais. Desta forma, vislumbrar o que tem sido empreendido nas pesquisas que almejam examinar a História da Educação em Ciências em nosso país e inquirir quais têm sido as produções discursivas e epistemológicas originadas por elas se faz necessário.

Nesse sentido, Santos e Selles (2014) nos convidam a entender os percursos históricos da disciplina escolar Ciências a partir do questionamento das relações de forças que a constituiu e dos laços estreitados ou afrouxados com as ciências de referência e com outros conhecimentos disseminados no meio social. Assim, se André Chervel (1990) nos estimula a balizar nossas investigações sobre as histórias das disciplinas escolares a partir das lógicas das dinâmicas culturais e criativas dos sistemas escolares, é preciso ter cautela para não invisibilizarmos os atores escolares que historicamente estão no centro das questões educacionais. Aliás, se compreendermos os currículos como construções sócio-históricas mutáveis que representam expressões da memória coletiva (GOODSON, 1995), então pensar os modos como são operadas as pesquisas com as histórias dos currículos e das disciplinas escolares deveria ser também refletir sobre os modos como narrativas e as memórias sobre tais elementos são construídas e promovidas.

Por isso, nesse trabalho de natureza teórica, temos como principal objetivo nos apropriarmos de referenciais da História das Mulheres e da História do Currículo para debatermos os silêncios e os esquecimentos operados na elaboração de pesquisas e trabalhos em perspectiva histórica sobre a Educação em Ciências que privilegiem as mulheres enquanto sujeitos ou objetos de pesquisa, especialmente aquelas que foram professoras. Para isso, primeiramente empreenderemos uma breve apresentação do campo de estudos e pesquisas sobre a História das Mulheres no intuito de enunciar algumas ponderações importantes para nossa argumentação. Em seguida, buscaremos problematizar as investigações que vêm sendo realizadas na História da Educação em Ciências diante de contribuições e provocações realizadas pela História das Mulheres e, por fim, suscitaremos algumas questões que poderão ser endereçadas às pesquisas.

## **História das Mulheres: uma (muito) breve apresentação**

Antes de qualquer coisa, é preciso informar que uma luta pela hegemonia das produções no campo da História das Mulheres é empreendida por diferentes perspectivas historiográficas, dentre elas as alinhadas com a História Social e com a História Cultural. Contudo, assim como Louise Tilly (1994), acreditamos que a mobilização de diferentes referências teórico-metodológicas e epistemológicas se faz necessária para que sejam produzidas versões do que foram as histórias das mulheres capazes de levar em conta as representações simbólicas e discursivas sobre as mulheres e as feminilidades, mas também para que não sejam descartadas as interseccionalidades relacionadas à dimensão material da vida delas. Isso significa que assumimos o compromisso de historicizarmos as mulheres buscando contradições em suas experiências, evidenciando tensões nas narrativas a serem alicerçadas e desconfiando das construções essencializadas sobre o que é ser “mulher” (SCOTT, 1995).

Aliás, duas ressalvas são necessárias: a primeira é que, por levarmos em conta a diversidade do que pode significar ser “mulher” e por compreendermos que não é possível generalizar as experiências femininas, optaremos nesse texto por usar sempre o plural ao nos referirmos às

mulheres na tentativa de fugir de uma visão essencialista. O segundo é que adotaremos uma perspectiva notadamente relacional ao nos referirmos às mulheres, pois entendemos ser pouco produtivo refletirmos sobre as representações relacionadas ao “feminino” de forma apartada daquelas inerentes ao “masculino”, uma vez que ambos são construções socioculturais e tal percepção contribui para significarmos as relações de poder (SOIHET, 1997; SCOTT, 1995).

Esclarecido isso, cabe lembrar a importância para o campo dos estudos da História das Mulheres a ação do movimento feminista nas décadas de 1970/80. Por conta da militância de historiadoras e cientistas sociais que trouxeram destaque às condições femininas, o campo foi ampliado e fortalecido. Para Mary Del Priore (1998), tais atrizes sociais operaram circunvoluções e tensionamentos nos paradigmas e lógicas historiográficas vigentes, que até então ignoravam a importância de pesquisas sobre as experiências e as trajetórias de mulheres, que permaneciam silenciadas pela História (PERROT, 2005).

Contudo, se as análises detentoras de um viés descritivo sobre as práticas e vivências femininas foram relevantes para fortalecer as lutas das mulheres, outros enfoques foram sendo instados diante do amadurecimento desse campo de estudos. Desta forma, segundo Rachel Soihet (1997), a superação da dicotomia historiográfica que ora colocava as mulheres atreladas à rebeldia e outrora as vitimizava contribuiu para fomentar o entendimento de que vários enfoques poderiam ser dados às pesquisas: desde empreendimentos biográficos até aqueles debruçados sobre os cotidianos ou a vida pública. Não obstante, também ganhou força a mobilização do gênero como categoria de análise histórica interseccional, trazendo o esforço para que as escritas sobre as histórias das mulheres proporcionassem discussões sobre desigualdades de poder e diferença em relação às figuras masculinas, além das estratégias desenvolvidas para sobreviver e resistir aos padrões normativos engendrados para conformar o comportamento feminino (SCOTT, 1995).

Doravante, faz-se necessário olhar as experiências das mulheres dentro de sistemas de poder que buscam modular e padronizar os sujeitos, inculcando-lhes valores e maneiras de viver e interpretar as realidades sociais. Isso significa fazer um esforço para mudar o modo como as narrativas da História da Educação em Ciências vêm sendo produzidas para que elas enxerguem as mulheres, sem cair em uma lógica superficial de mera suplementação. Assim, segundo Scott (1995), é possível nos balizarmos por uma estrutura analítica que abarque as conjunturas de poder e conhecimento de forma vigilante aos sentidos das lutas políticas subversivas das mulheres contra padrões consolidados, normas comportamentais e hierarquias implícitas. Isso pode nos oferecer oportunidades para tirarmos do ostracismo personagens que há muito tempo têm desempenhado importantes papéis na educação ocidental. Suscitaremos algumas reflexões na próxima seção em diálogo com os modos como têm sido operadas as pesquisas históricas sobre Educação em Ciências e, portanto, preciso.

## **A História das Mulheres interroga a História da Educação em Ciências**

Para começarmos a aprofundar nossa reflexão sobre os intercruzamentos da História da Educação em Ciências com a História das Mulheres, precisamos ter em mente um alerta dado por Ivor Goodson (1997), segundo o qual afirma que os currículos não são atemporais. Eles são oriundos de embates entre distintos grupos sociais que agem influenciando as definições do que é ensinado e de quais métodos serão privilegiados pelas disciplinas escolares. Assim, podemos considerar os sistemas educacionais enquanto agências relevantes para a consolidação de padrões sociais para atores e processos educativos. Contudo, não basta

permaneceremos alertas às construções de retóricas de legitimação de tais padrões empreendidas pelas *comunidades disciplinares*<sup>1</sup> (GOODSON, 1995) que buscam se fortalecer a partir do recebimento de apoio ideológico. Em meios às pelejas das disciplinas por *status*, recursos e territórios, posicionam-se também sujeitos, inclusive femininos. Por isso, é preciso ver o indivíduo em relação à história de seu tempo, permitindo-nos encarar a interseção da história de vida com a história da sociedade, esclarecendo assim escolhas, contingências e opções com que se depara o indivíduo. (GOODSON, 1992, p.75)

No entanto, se mirarmos a Educação em Ciências, veremos que revezes ainda pairam sobre os estudos históricos que almejam investigar as configurações e trajetórias curriculares da disciplina escolar nessa perspectiva (AYRES E SELLES, 2012) pouco respondida. Se focalizarmos a participação das mulheres nesses embates, ainda teremos muito a avançar. Afinal, Scott (1992) já colocava em questão o espaço reservado às mulheres nos estudos sobre currículo e a necessidade de se interpelar os paradigmas históricos vigentes para alargar a inscrição das experiências femininas na História. Com ela, entendemos o valor de tecermos diálogos interpretativos que anunciem a qualidade dinâmica das ações femininas e seus intercâmbios com a dimensão política. Por isso, acreditamos que a apropriação de reflexões suscitadas por Ivor Goodson pode ser útil, pois tal autor nos auxilia a construir versões das histórias dos currículos que considerem as ações dos sujeitos sem que sejam deixadas de lado questões de poder presentes de dentro e de fora da escola (JAEHN E FERREIRA, 2012).

Como um exercício<sup>2</sup>, pesquisamos em todas as Atas dos ENPECs trabalhos que trouxessem em seus títulos ou palavras-chaves os termos “Gênero” (como referência à organização social da relação entre sexos [SCOTT, 1995]), “História”, “Mulher” e “Mulheres”. Lemos os poucos resumos encontrados e nenhum texto que contemplasse a participação de mulheres na História da Educação em Ciências foi encontrado. Ademais, percebemos que há uma plêiade de pesquisas publicadas sobre abordagens didáticas da História das Ciências em detrimento de textos sobre História da Educação em Ciências. Tal indício nos faz indagar: qual o valor acadêmico-social relegado à pesquisa histórica relacionada aos processos de aprender e ensinar Ciências?

Outro aspecto que nos chamou atenção está relacionado ao expressivo aumento da utilização do gênero<sup>3</sup> como categoria de análise nos estudos apresentados a partir do VII ENPEC, ocorrido em 2009. Talvez esse movimento sinalize uma abertura teórica-metodológica que areje o campo de modo que se desenvolvam mais estudos que compreendam as mulheres como produtoras de políticas e práticas curriculares e que as insiram como sujeitos de querer e poder dentro das narrativas históricas a serem produzidas sobre a Educação em Ciências no país.

Aliás, se a História do Currículo vem produzindo “híbridos culturais” por se constituir com e entre outras áreas do conhecimento e simultaneamente vem competindo pela hegemonia da

---

<sup>1</sup> Comunidades disciplinares são grupos sociais heterogêneos formados por professores, pesquisadores e demais profissionais que constituem e mobilizam as disciplinas. Tais grupos disputam recursos e poder, podendo se apropriar de determinados padrões curriculares com “valor como moeda no ‘mercado da identidade social’” (GOODSON, 1997, p. 27). Segundo Goodson (1997, p. 44), “os grupos organizados em torno de disciplinas desenvolvem-se frequentemente nos períodos em que se intensifica o conflito sobre currículo, recursos, recrutamento e formação.”

<sup>2</sup> Ver Bastos e Pinho (2017).

<sup>3</sup> Cabe esclarecer que o termo “gênero” relacionado a “gênero discursivo” e variações manteve-se constante nas Atas dos ENPECs devidos aos estudos sobre a linguagem e suas mediações.

pesquisa sobre as histórias das disciplinas escolares particularmente com a História da Educação (JAEHN E FERREIRA, 2012), em quais instâncias estão sendo socializadas as produções que almejam historicizar e narrar os percursos da Educação em Ciências?

Não obstante, se estamos cientes de que a disciplina Ciências possui particularidades históricas que impelem docentes a periodicamente reinventarem suas práticas curriculares e tensionam regularmente as políticas para a formação pedagógica (AYRES E SELLES, 2012), podemos usar os lapsos e as lacunas sobre a história dessa disciplina escolar para ensejar debates sobre gênero. Por exemplo, ainda há muito a ser investigado sobre a participação de professoras no “Movimento de Renovação do Ensino de Ciências” que durante as décadas de 1960/70/80 trouxe mudanças para o ensino científico nas escolas no intuito de melhorar a produção científica-tecnológica do país. Quais contribuições políticas, cotidianas ou simbólicas as mulheres deram a esse notório esforço para que novos materiais didáticos fossem produzidos? Quais experiências elas tiveram nas escolas enquanto se empenhavam (ou não)<sup>4</sup> para que atividades práticas inspiradas no método científico se popularizassem?

Porém, conforme alerta da perspectiva historiográfica, é relevante que não apenas as professoras com destaque na seara intelectual ou política sejam alvos de estudos. É necessário que haja espaço também para aquelas que não receberam distinções, mas que nem por isso deixaram de empreender a construção social dos currículos em seus cotidianos. Assim, concordamos com Carlo Ginzburg (1987):

Alguns estudos biográficos mostraram que um indivíduo medíocre, destituído de interesse por si mesmo - e justamente por isso representativo - pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico (página 27).

Ou seja, estudos sobre as trajetórias e experiências de professoras, quaisquer que sejam, podem nos oferecer indícios que contribuam para apurar nossa compreensão da disciplina escolar Ciências. Ademais, têm potencial para instigar reflexões sobre como tendências e transformações relacionadas a determinados cenários socio-históricos foram ressignificados no “chão da escola”.

## Considerações finais

Ainda há muito a ser pesquisado sobre as mulheres que participaram da construção da História da Educação em Ciências no Brasil. Tendo em vista que Goodson (1997) argumenta pela compreensão das ideias, dos valores e dos anseios que mobilizaram sujeitos e grupos sociais que influenciaram e participaram da construção dos currículos escolares, há todo um programa de pesquisa possível de ser desenhado e executado nesse sentido. Esse direcionamento nos auxilia a elaborar um ponto promissor para que a História das Mulheres converse com a História do Currículo: a identificação de redes de sociabilidade, solidariedade e poder que uniram as professoras em seus cotidianos e nos espaços por onde circularam. Contudo, se uma crônica escassez de vestígios dificulta o trabalho com a História das Mulheres (SOIHET, 1997), a fertilidade teórica oriunda da conjugação de referenciais de pesquisa diversos que têm sido entrelaçados nos debates sobre as histórias das disciplinas escolares (GABRIEL E MORAES, 2013) acena como uma alternativa para que mais produções sobre trajetórias e experiências femininas nos currículos sejam incentivadas.

---

<sup>4</sup> De acordo com Goodson (1997), os modelos de análise para os estudos na História do Currículo devem procurar disputas e negociações realizadas dentro das *comunidades dis/ciplinares*. Assim, conjecturar que todas as professoras participavam do “Movimento de Renovação” ou concordavam com o mesmo é ignorar suas autonomias e subalternizá-las. Afinal, nem sempre as mulheres são obedientes e submissas. (PERROT, 2005).

## Referências

- AYRES, A. C. M.; SELLES, S. E. História da formação de professores: diálogos com a disciplina escolar ciências no ensino fundamental. **Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências** (Impresso), v. 14, 2012. p. 95-107.
- BASTOS, F.; PINHO, R. Sentidos de sexualidade nos anais dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Educação em Ciências (1997-2015). In: **Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, 2017.
- CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, n. 2, 1990. p. 177-229.
- GABRIEL, C. T.; MORAES, L. M. S. História das disciplinas e “tempo histórico”: quais narrativas em circulação no campo educacional? In: FERREIRA, M. S.; XAVIER, L. N.; CARVALHO, F. G. (Org.). **História do Currículo e História da Educação: interfaces e diálogos**. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2013, p. 29-59.
- GOODSON, I. F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e seu desenvolvimento profissional. In: NOVOA A. (Org.). **Vidas de professores**, Lisboa: Porto, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Currículo: Teoria e História**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- \_\_\_\_\_. **A Construção Social do Currículo**. Lisboa: Educa, 1997.
- JAEHN, L.; FERREIRA, M. S. Perspectivas para uma História do Currículo: as contribuições de Ivor Goodson e Thomas Popkewitz. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, p. 256-272, 2012.
- GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LOPES, E. M. T.; GALVÃO, A. M. O.. **História da Educação**. 1. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC, 2005.
- PRIORE, M. L. M. Vozes do Silêncio: A História das Mulheres no Brasil. In: FREITAS, M. (Org.). **Para uma História da Historiografia Brasileira**. 1ed. São Paulo: Scrittae, 1998.
- SANTOS, M. C. F.; SELLES, S. E. A produção da disciplina escolar história natural na década de 1930: os livros didáticos de Waldemiro Potsch para o ensino secundário. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, v. 19, 2014. p. 45-68.
- SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n.2, jul./dez. 1995. p.71-99.
- \_\_\_\_\_. História das Mulheres. In: BURKE, P. **A escrita da História**. Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.
- SILVA, J. C. S.; LEMOS, D. C. de A. A História da Educação e os desafios de investigar outros presentes: algumas aproximações. In: FERREIRA, M. S.; XAVIER, L. N.; CARVALHO, F. G. (Org.). **História do Currículo e História da Educação: interfaces e diálogos**. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2013, p. 61-86.
- SOIHET, R. História das Mulheres. In: CARDOSO, C.; VAINFAS, R. (orgs.) **Domínios da História**. Ensaios de Teoria e Metodologia. RJ, Campus, 1997, p. 275-296.
- TILLY, L. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n.3, 1994, p. 29-62.